

A COMPREENSÃO SOBRE O ENSINO DE LEITURA E SUAS IMPLICAÇÕES NA PRÁTICA DOCENTE

Fernanda Cristina Agra Borborema – PMCG (fernandaborborema@hotmail.com)

Maria de Lourdes da Silva Leandro- UEPB (lourdes.leandro@uol.com.br)

(Orientadora/MFP/UEPB)

RESUMO

Este artigo apresenta resultados de um recorte de uma pesquisa-ação, realizada com uma professora do 2º ano do Ensino Fundamental, os dados gerados questionam a prática da leitura na sala de aula, como requisito para o desenvolvimento de um outro momento da pesquisa, considerada como pesquisa de intervenção, constitutiva de um trabalho de Dissertação¹ de Mestrado-MFP/UEPB. Essa investigação parte do princípio teórico-analítico que destaca, sobre o ato de ler, a compreensão de que esse processo não se reduz ao desenvolvimento da habilidade de decodificar palavras. No entanto, esse modo de conceber a leitura ainda está bastante presente nas salas de aula. Nesse contexto, este artigo tem como objetivo refletir sobre a formação docente relacionada ao ensino da leitura e suas implicações na prática pedagógica. O referencial teórico-metodológico traz contribuições de Marcuschi (2008), Kleiman (2004, 2008), PCN (1997), Soares (1998), entre outros. A pesquisa de natureza qualitativa apresenta dados que revelam como as concepções, sobre o que é ler, implicam diretamente na sua ação docente. Os dados, assim, evidenciam a importância de oportunizar aos professores, formações continuadas (em caráter permanente) que atendam às reais necessidades e dificuldades dos professores, ou seja, se faz necessário conhecer a história dos professores e a sua prática docente.

Palavras-chaves: Formação docente - Concepções de leitura – Ensino

ABSTRACT

This article presents results of a clipping from an action research held with a teacher of the 2nd year of elementary school, the data generated question the practice of reading in the classroom, as requisite for the development of another time of the survey, considered as intervention research, constituent work of a Master's Thesis-MFP / UEPB. This investigation of the theoretical-analytical principle that stands on the act of reading, understanding that this process is not limited to the development of the ability

¹ Este trabalho integra a Dissertação (inédita) “Concepções de Leitura: Implicações na ação docente para a formação do sujeito leitor (Professor/Aluno)”, de Fernanda Cristina Agra Borborema, orientada pela Profª Drª Maria de Lourdes da Silva Leandro, apresentada ao Mestrado Profissional em Formação de Professores/MFP/UEPB, defendida em 26/02/2014.

to decode words. However, this way of conceiving the reading is still very present in classrooms. In this context, this article aims to reflect on the related teaching reading and its implications for teaching practice teacher training. The theoretical and methodological framework brings contributions Marcuschi (2008), Kleiman (2004, 2008), NCP (1997), Smith (1998), among others. The nature of qualitative research presents data showing how conceptions about what is read directly imply in their teaching activities. The data thus show the importance of teachers to create opportunities, continuing education (permanently) that meet the real needs and difficulties of teachers, ie, it is necessary to know the history of teachers and their teaching practice.

Keywords: Teacher education - Conceptions of reading – Education

INTRODUÇÃO

Esse trabalho apresenta um recorte dos resultados de uma pesquisa, realizada com uma professora do 2º ano, de uma Escola Municipal em Campina Grande, para Dissertação de Mestrado, inserida na linha de pesquisa “Leitura e Produção textual” do Mestrado Profissional em Formação de Professores/MFP/UEPB. Apresentaremos nesse artigo as dificuldades em relação ao ensino da leitura decorrentes de uma formação docente, desse modo, entendemos que essa abordagem dialoga com as reflexões que serão motivos de discussão no Grupo de Trabalho (GT 18) – Práticas de Leitura, Escrita e Literatura infantil, no cenário escolar: desafios e perspectivas, GT que integra os Grupos de Trabalho do I CINTEDI/CEPESI/UEPB.

Essa abordagem fundamenta-se na perspectiva teórica de estudiosos como Marcuschi (2008), Alves (2011), Kleiman (2004, 2008), Soares (1998) PCN (1997), entre outros teóricos que contribuem com estudos acerca da leitura, concepções e ensino. Nesse sentido, este presente artigo tem como finalidade discutir a seguinte questão-problema: De que modo o ensino da leitura em sala de aula pode revelar os conhecimentos do professor em relação à(s) concepção(ões) de leitura? Condição que consideramos fundamental para o desenvolvimento de um ensino-aprendizagem que priorize uma prática de leitura significativa e que favoreça a formação de leitores.

Compreendemos que a leitura é uma ação complexa, principalmente por depender de inúmeras áreas do conhecimento (linguísticos, psicolinguísticos, cognitivo, social, histórico, discursivo, entre outros) e envolver relações de diferentes processos de interação entre o sujeito que lê, o(s) sentido(s) e o texto. Por outro lado, conceituar leitura revela essa complexidade, e devido a essa natureza, é alvo de constantes alterações, mediante o avanço das pesquisas, de novas descobertas no contexto dos estudos científicos da linguagem, da psicologia e da pedagogia nessa área.

Considerando que a leitura instaura-se em um campo interdisciplinar, seus objetivos e finalidades, no contexto escolar, são determinados, conforme a compreensão que os sujeitos professores têm dos modelos de ensino da leitura.

Se perguntássemos aos professores o que significa o ato de ler para eles, provavelmente teríamos respostas bastante diversificadas e algumas dessas respostas, certamente demonstrariam que alguns professores ainda compreendem a leitura como uma ação exclusivamente individual, autônoma e que envolve apenas esquemas cognitivos. Discordando desse modo de compreensão, Marcuschi (2008, p. 240), destaca uma concepção sobre língua que ilumina o grau de complexidade desse objeto, leitura, que necessita desse sistema – língua - como espaço e instrumento para concretização desse ato pelo leitor, usuário e sujeito da/na língua. Esse estudioso diz que “a língua é um fenômeno cultural, histórico, social e cognitivo que varia ao longo do tempo e de acordo com os falantes (...)”.

Nesse sentido, não vemos e compreendemos tudo do mesmo modo, assim, ocorre também em relação à compreensão de textos. Uma das grandes dificuldades encontradas pelos docentes refere-se à necessidade de fazer com que seus alunos consigam compreender textos coerentemente, visto que muitos alunos relatam que “leem”, porém não compreendem. Isto pode estar relacionado à ideia de língua como código, logo, sistema transparente. Conceber a língua como fenômeno cultural, social, histórico nos leva a reconhecer que ler e compreender um texto não são apenas atividades individuais, isoladas de outros contextos e puramente cognitivas.

Conforme Marcuschi (2008, p. 230) “compreender exige habilidade, interação e trabalho”. A leitura nessa perspectiva ocorre através de situações sociointerativas, colaborativas, inferenciais, onde os sujeitos compreendem os textos construindo e produzindo sentidos.

A leitura deve ser considerada uma atividade individual e social, considerando que ambas dialogam e se complementam no ato da leitura. Toda leitura é considerada uma atividade individual, por atender as especificidades e particularidades de cada leitor no processamento dos sentidos do texto, envolvendo suas estratégias cognitivas e metacognitivas, a memorização, suas histórias como leitor e seus conhecimentos prévios. A leitura na dimensão social considera a construção de sentidos e sua interrelação no contexto social, histórico e ideológico. “(...) a leitura é também uma atividade social, situada, construtiva, dialógica e interativa que envolve a participação social e ativa do leitor (...)” (FERREIRA & DIAS, 2005, p. 02)

Podemos perceber através dos discursos que circulam nas escolas e, sobretudo, na sala dos professores, que nem sempre os docentes são conscientes da teoria linguística ou da metodologia que utilizam na sua prática, muitas vezes pela formação inicial limitada a correntes teóricas (linguísticas e pedagógicas) tradicionais, outras pela formação continuada, quando existente, que, ora não atende às expectativas dos docentes, ora reproduz o modelo que foi ensinado. Conforme Soares (1998), o ensino que predomina em muitas escolas é aquele que reconhece o ensino de Língua Portuguesa, apenas como sistema, valorizando a gramática por meio da qual desenvolvem as habilidades de ler e escrever bem.

METODOLOGIA

A pesquisa é de natureza qualitativa, pois nosso foco é a compreensão e interpretação dos significados apresentados e construídos pelos sujeitos da pesquisa e a análise das ações/interrelações vivenciadas durante o processo de coleta e análise dos dados. Conforme Pires (2008), a pesquisa qualitativa é caracterizada por sua flexibilidade, por englobar dados heterogêneos, combinando diferentes técnicas de coleta de dados, por ter a capacidade de descrever aspectos da vida cultural, social, e das experiências vividas. Nosso trabalho traz, portanto, dados construídos por uma investigação caracterizada também como uma pesquisa-ação, inserida no âmbito da Linguística Aplicada, com enfoque na área da Educação.

A pesquisa foi desenvolvida com uma professora do 2º ano do ensino fundamental, licenciatura em Pedagogia e Curso de Especialização em Formação do Educador (UEPB), há mais de quinze anos. A referida docente não participa de cursos de formação continuada e, apesar da sua experiência de 20 anos na prática docente, demonstra insegurança nas atividades que envolvem o ensino de leitura. Todos os anos faz queixas sobre sua turma, tanto no início quanto no final do ano, relatando que seus alunos não leem, não demonstram interesse pela leitura, sendo esse um dos motivos para sua escolha, como sujeito da nossa pesquisa. Na época de nossa investigação (2012), sua turma era composta por onze alunos.

Utilizamos como instrumentos para análise os seguintes dados: respostas de algumas questões de um questionário (sondagem) que evidencia informações sobre o que significava ler para professora, como ela desenvolvia suas atividades de leitura, os gêneros textuais apresentados, as estratégias utilizadas, suas dificuldades, etc. Posteriormente, trazemos dados da observação e descrição da sua prática de leitura, seu

planejamento, orientação e suas respectivas propostas de atividades, nessa etapa de sondagem dos dados.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

Durante o período de observação das aulas, foi aplicado um questionário. Esse instrumento objetivou coletar informações sobre o conhecimento em torno da leitura e as estratégias realizadas para o ensino da leitura, nessa turma do 2º ano do Fundamental I. Indagamos o que seria ler para professora: “A leitura abre leque para você ir além da imaginação. A leitura ela abre portas para vários horizontes”. Percebemos que esse enunciado - resposta evidencia vantagens que a leitura oferece para o leitor, o que sugere uma concepção muito subjetiva e pessoal. Esperávamos que a resposta evidenciasse um conhecimento teórico sobre leitura. Sobre esse dado, Kleiman (2008, p. 151), comenta que, “a formação precária do professor na área da leitura, bem como o desconhecimento dos resultados da pesquisa na área trazem consequências negativas para a qualidade do ensino.”

Em relação ao modo como a leitura é trabalhada na sala de aula, foco da questão dois do questionário, a professora do 2º ano, sujeito da pesquisa, responde à questão: Na sua sala de aula como a leitura é trabalhada?: “[...] Texto em si, para ler, compreender e interpretar. Treino ortográfico, através de gravuras”. Essas ações são atos consequentes e automáticos, sem complexidade entre eles, além de sugerir que o texto de leitura é utilizado para “treino ortográfico”. Esse modo de descrever uma possível “metodologia” parece trazer a noção de leitura no contexto do modelo teórico que trata a leitura como processo ascendente, em que a leitura tem como foco o sistema de escrita, enquanto código, e o objetivo é a decodificação desse sistema. “Esse modelo exclui os processos de inferência léxica, os conhecimentos prévios do leitor e as condições de produção do texto: três fatores imprescindíveis ao processo de compreensão textual”.(ALVES, 2011, p. 76).

Em relação às estratégias utilizadas em sala de aula, a professora apresenta a seguinte explicação: “Distribuo pequenos textos para eles lerem. Leitura coletiva, pausada com textos no quadro, leitura silenciosa”. Percebemos que a resposta em evidência, ao se referir à “leitura coletiva e silenciosa”, não explica como é a participação do aluno. Sugere, então, que o aluno não participa de modo a ressignificar, atribuir, negar, interagir com o texto e o autor é visto como um leitor passivo,

decodificando apenas o que está escrito. Para Cafiero (2010, p. 16), “o leitor é um sujeito que atua socialmente, construindo experiências, estabelecendo relações entre as informações do texto e seu conhecimento do mundo”. O leitor pode ser capaz de refletir sobre ele, de criticá-lo, de saber como utilizá-lo na sua vida.

Após a aplicação do questionário, solicitamos que a professora planejasse quatro aulas, que ela considerasse significativas e relevantes para o desenvolvimento da leitura e compreensão textual dos seus alunos.

Solicitei à professora do 2º ano a preparação de aulas, que ela considerasse significativas para o desenvolvimento da competência leitora dos alunos. Apresentamos abaixo um quadro com o planejamento de quatro aulas da professora, das quais procedemos a um recorte de algumas atividades para análise.

Planejamento da professora do 2º ano

<p>1ª Observação 25 de fevereiro de 2013</p>	<p>Leitura do livro de literatura: A centopéia que pensava (Herbert de Souza Betinho (1999) Atividade: escrever os nomes dos animais que aparecem na história</p>
<p>2ª Observação 28 de fevereiro de 2013</p>	<p>Cópia e leitura do texto: O susto da Mônica (blog no Passo das Letras de Alessandra Schultz) Atividade: estudo dos encontros vocálicos retirados do texto, completar a história com palavras retiradas do texto. Ditado recortado</p>
<p>3ª Observação 05 de março de 2013</p>	<p>Distribuição de cartelas com frases e palavras escritas com o fonema F e P. Leitura oral e cópia das palavras e frases distribuídas</p>
<p>4ª Observação 07 de março de 2013</p>	<p>Leitura da história: O rabo do gato de Mary França e Eliardo França Interpretação da história</p>

Descrição das aulas de leitura com a turma do 2º ano, Ensino Fundamental I, na etapa de sondagem.

Duas aulas foram planejadas e desenvolvidas utilizando os livros: A centopéia que pensava, do autor Herbert de Souza Betinho (1999) e O rabo do gato dos autores: Mary França e Eliardo França. Antes de realizar a leitura, a professora entregou o livro a uma aluna e procurou socializar: “É para você ir passando e olhando os desenhos, as figuras, depois você vai passando o livro para outros colegas. Não é para ler... é para ver

os desenhos”. Esse modo de apresentar a leitura demonstra o que significa ler e ensinar a leitura para a professora, não valorizando, assim, o letramento literário como uma ação reflexiva, produtiva e que contribua para a formação dos leitores. Zilberman (1988, p.83) afirma que “a sua apropriação depende da intermediação da escola, que emprega recursos metodológicos para obter a aprendizagem desejada”.

Durante a leitura das histórias, a professora não oportunizou a participação, interação dos alunos com os textos, sendo estes expectadores passivos, ela mesma respondia seus questionamentos.” O que estão vendo aqui? O gato e o sapo. O que o sapo viu? O rabo do gato (...)”. Concordamos com Aguiar (2003) quando afirma que a literatura deve voltar-se para o papel do leitor, pois é através deles que os textos adquirem sentidos. Por seu turno, analisar o processo de leitura significa investigar as condições intrínsecas e extrínsecas, tendo como foco o sujeito enquanto *persona* individual e social.

A professora planejou outra proposta para o ensino da leitura, composta por fichas com frases e palavras para a realização da leitura.

Fafá é fofa.

Fábio deu o fio a foca.

A foca babou no fio.

O fio ficou babado.

Papai- copo- pipa- piano

Pipoca- pão- pena- paulada

Pomada- pia- cipó- panela

Mapa- pino- peludo pau

Fonte: Acervo pessoal da professora do 2º ano

Consideramos que essa proposta fundamenta-se na concepção de língua como um sistema estático e homogêneo, desconsiderando o significado do texto para cada leitor e a sua relevância para o seu contexto social. Para os PCN (1997), um leitor competente só pode constituir-se mediante uma prática constante de leitura de textos de fato, a partir de um trabalho que deve se organizar em torno da diversidade de textos que circula socialmente. Para a professora, ler é apenas decodificar, copiar, dominar as convenções gráficas entre fonemas e grafemas, desenvolver a fluência na leitura. Todas essas ações referenciam novamente a concepção de leitura tradicional, ascendente e mecanicista.

Essas propostas de atividade, consideradas pela professora, importantes para o desenvolvimento da leitura dos seus alunos, não favorecem a formação de leitores, não possibilitam ações reflexivas, inferenciais e não contribuem para o desenvolvimento da criticidade. Conforme Kleiman, (2004), as práticas desmotivadoras, perversas até, pelas consequências nefastas que trazem, provêm, basicamente, de concepções erradas sobre a natureza do texto e da leitura, e, portanto, da linguagem.

CONCLUSÃO

Como breves comentários conclusivos, evidenciamos nesse artigo que mesmo diante de tantas pesquisas relacionadas ao desenvolvimento da leitura e às diversidades de estratégias divulgadas para desenvolver um trabalho significativo, na sala de aula, que possam contribuir para formação de leitores, ainda se faz necessário um olhar bastante diferenciado e específico para cada realidade de sala de aula.

A prática de leitura desenvolvida pela professora reduz a mesma, a exercícios de decodificação. Os textos que circulam na sala de aula não proporcionam nenhuma reflexão crítica, além de estarem fora do contexto e da realidade social dos alunos. Discordamos desses modelos de atividade para compreensão dos textos, considerando o leitor um sujeito passivo. Sob esse direcionamento teórico, a competência do leitor é exercida tão somente para recuperação dos dados expostos nos textos. Consideramos como perspectiva para o ensino da leitura, a compreensão como processo inferencial, isto implica em outro modo de conceber a língua, ou seja, como atividade colaborativa, construtiva, criativa e sociointerativa.

Constatamos que o conhecimento teórico que o professor deve ter acerca das concepções de leitura interfere diretamente nos modos de praticar a leitura e elaborar propostas de atividades que promovam uma compreensão leitora, de modo a contribuir para a formação de leitores, para a formação de sujeitos ativos, que interagem com o texto e com outros saberes, produzindo múltiplos sentidos.

Nesse sentido, nosso trabalho evidenciou a necessidade de uma investigação antes da realização das “formações continuadas”, oferecidas pelas instituições responsáveis pelo ensino, seja nas esferas federais, estaduais, municipais e/ou particulares, uma vez que essas formações devem dialogar com as dificuldades dos professores, dos alunos e do contexto escolar.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira. Leitura Literária e a Escola. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins, BRANDÃO, Helena Maria Brina, MACHADO, Maria Zélia Versiani (org). **Escolarização da Leitura Literária**, 2. Ed, Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p. 235-255.

ALVES, Maria de Fátima. Leitura, compreensão de textos e formação docente. In: PEREIRA, Regina Celi (org). **Prática de Leitura e Escrita na Escola: construindo textos e reconstruindo sentidos**. João Pessoa. Editora da UFPB, 2011, p. 71- 113.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa**. Brasília. 1997.

CAFIERO, Delaine. Letramento e leitura: formando leitores críticos. IN: ROXANE, Rojo e RANGEL, Egon de Oliveira (org) **.Língua portuguesa: ensino fundamental** (Coleção Explorando o Ensino, vol. 19) . Brasília: Ministério da Educação e Cultura, 2010, p. 85-106.

FERREIRA. S.P. A. & DIAS. M.G.B.B. **Leitor e leituras: considerações sobre gêneros textuais e construção de sentidos**. Universidade Federal de Pernambuco, 2005. Disponível em < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79722005000300005&script=sci_arttext > acesso em 20 de novembro de 2013.

KLEIMAN, Ângela. **Abordagens da leitura**. Scripta, Belo Horizonte, vol 7 ,nº 14, p. 13-22, 2004.

_____ **Leitura: ensino e pesquisa**. Campinas, SP: Pontes Editores. 3ª edição. 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção Textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

PIRES, Álvaro. Sobre algumas questões epistemológicas de uma metodologia geral para as ciências sociais: IN: POUPART, J. et al. (Orgs.). **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos** / tradução de Ana Cristina Nasser. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2008. (Coleção Sociologia) Título original: La recherche qualitative. p. 43-93.

SOARES, Magda Becker. Concepções de Linguagem e o ensino de Língua Portuguesa. IN: BASTOS, Neusa Barbosa (org). **Língua Portuguesa. História, Perspectivas, Ensino**. São Paulo: EDUC. 1998, p. 53- 60.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura**. São Paulo: Contexto, 1988.